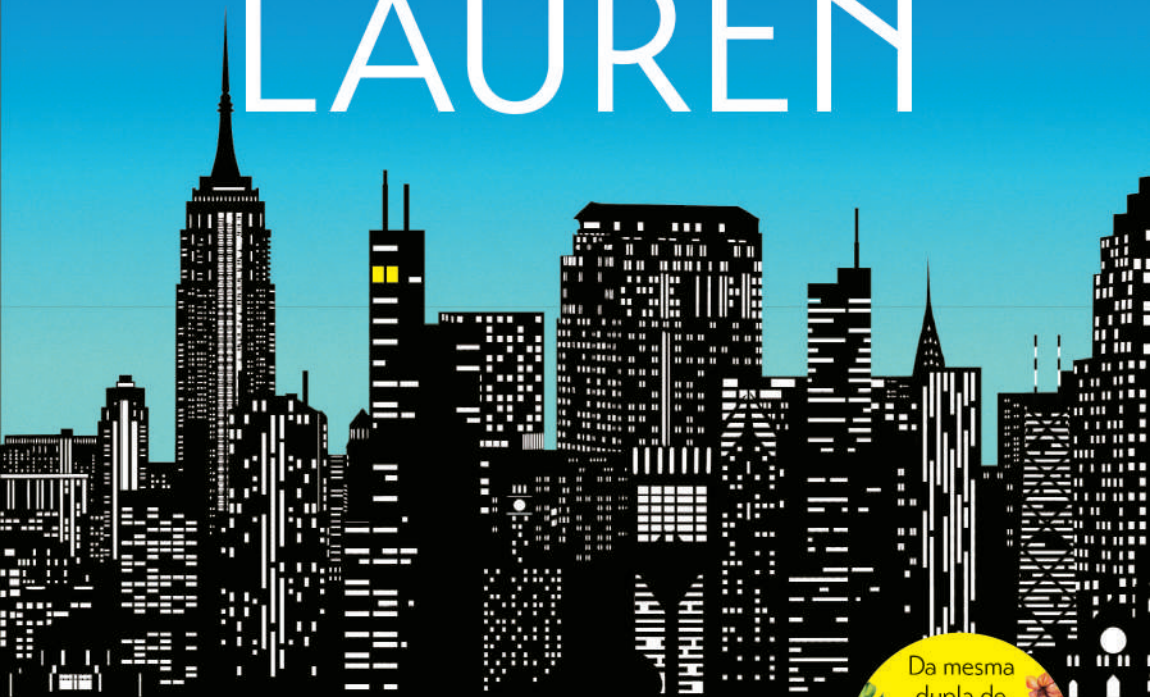


BESTSELLER DO NEW YORK TIMES E DO USA TODAY

CHRISTINA LAUREN



JUNTOS... *mas* POUCO!

«Uma heroína que embarca numa viagem de autodescoberta, um protagonista merecedor do amor de qualquer mulher e, ainda, muitas lágrimas emocionadas e gargalhadas bem sonoras.»

Kirkus Reviews

TOP
SEL
LER

Capítulo 1

Segundo reza a lenda familiar, eu nasci no chão de um táxi. Sou a mais nova de seis e, ao que parece, a minha mãe passou de «Estou com algumas dores, mas deixem-me só acabar de fazer o almoço» para «Bem-vinda ao mundo, Holland Lina Bakker» num espaço de tempo de cerca de 40 minutos.

É sempre a primeira coisa que me vem à cabeça quando entro num táxi. Reparo no esforço que faço para aguentar a trepidação no assento pegajoso, nos milhões de impressões digitais e manchas impossíveis de identificar que embaciam os vidros e a barreira de acrílico — e no facto de o chão de um táxi ser um sítio *realmente* terrível para se trazer um bebé ao mundo.

Bato com a porta do táxi para me proteger do vento de Brooklyn.

— Para a estação da Fiftieth Street, em Manhattan.

Os olhos do motorista cruzam-se com os meus no espelho retrovisor e consigo imaginar o que ele estará a pensar: *Quer apanhar um táxi para o metropolitano em Manhattan? Minha senhora, por três dólares podia ter apanhado a linha C até lá.*

— Eighth Avenue e Forty-Ninth Street — acrescento, ignorando o rubor intenso, quando ganho noção de quão absurda sou. Em vez de apanhar o táxi até casa, estou a pedir ao motorista que me leve de Park Slope até uma estação de metro em Hell's Kitchen, a cerca de dois quarteirões do meu prédio. Não é que eu esteja particularmente preocupada com a minha segurança e não queira que este taxista saiba onde moro.

É porque é segunda-feira, são aproximadamente 23h30, e o Jack vai lá estar.

Pelo menos, deve estar. Desde que o vi pela primeira vez a tocar na estação da Fiftieth Street, há quase seis meses, ele tem lá estado

sempre à segunda-feira à noite, assim como à quarta e à quinta antes do trabalho, e à sexta à hora do almoço. À terça, ele desaparece, e nunca o vi lá ao fim de semana.

Mas a segunda-feira é o meu dia preferido, porque há uma intensidade no modo como ele se debruça sobre a guitarra, embalando-a, seduzindo-a. A música que parece ter ficado encurralada no seu interior durante todo o fim de semana é libertada, interrompida apenas pelo precipitar metálico ocasional das moedas que lhe deixam cair no estojo aberto da guitarra que ele tem aos pés, ou pelo ruído de uma composição do metro a aproximar-se.

Não sei o que ele faz nas horas em que não está lá. Também tenho quase a certeza de que não se chama Jack, mas precisava de lhe chamar algo que não fosse «artista de rua», pelo que dar-lhe um nome fez com que a minha obsessão me parecesse menos patética.

De certa forma.

O taxista está calado, nem sequer vai a ouvir conversa de rádio nem qualquer outro som cacofónico que todos os nova-iorquinos se habituam a ouvir nos carros. Desvio o olhar do telemóvel e do *feed* do *Instagram*, cheio de livros e de tutoriais de maquilhagem, para a sujidade do gelo e da neve derretida que cobre as ruas. Os efeitos do cocktail parecem não estar a desvanecer-se tão depressa quanto eu gostaria e, na altura em que o táxi encosta ao passeio e eu pago a viagem, ainda sinto a sua efervescência vertiginosa a ferver-me no sangue.

Nunca antes vim ver o Jack estando embriagada, pelo que esta ideia tanto pode ser terrivelmente absurda como absolutamente fantástica. Tenho impressão de que estou prestes a descobrir qual das duas hipóteses se confirma.

Ao chegar ao fundo das escadas, dou com ele a afinar a guitarra e paro a alguns passos de distância, a observá-lo. De cabeça inclinada e sob o feixe de luz que vem da rua e atravessa as escadas, o seu cabelo castanho-claro parece quase prateado.

Enverga uma indumentária desleixada típica da nossa geração, mas parece limpo, por isso gosto de imaginar que ele tem um

apartamento agradável e um emprego fixo e bem remunerado, e que faz isto só porque adora. Tem o tipo de cabelo a que não consigo resistir, bem aparado dos lados mas selvagem e indomável em cima. E parece ser macio, refletindo o brilho das luzes, o tipo de cabelo no qual nos dá vontade de enrolar um punho. Não sei de que cor são os seus olhos, porque ele nunca levanta a cabeça para ninguém enquanto está a tocar, mas gosto de pensar que são castanhos ou verde-escuros, uma cor profunda o suficiente para uma pessoa se perder nela.

Nunca o vi a chegar nem a ir-se embora, porque o que faço sempre é passar por ele, deixar-lhe uma nota de um dólar no estojo da guitarra e continuar a andar. Depois, às escondidas, da plataforma, espreito — como muitas de nós — para onde ele está sentado no seu banco, junto ao fundo das escadas, com os dedos a trepar e a descer pelo braço do instrumento. A sua mão esquerda produz notas como se isso fosse tão simples como respirar.

Respirar. Enquanto aspirante a escritora, é o cliché de que menos gosto, mas o único que se adequa. Nunca vi os dedos de ninguém a moverem-se daquela forma, como se ele nem sequer tivesse de pensar no assunto. De certo modo, parece que ele confere à guitarra uma autêntica voz humana.

Quando deixo cair a nota no estojo, ele ergue o olhar, fixando-me brevemente, e diz-me baixinho:

— Muito obrigado.

Nunca fez isto antes — levantar os olhos quando alguém lhe deixa cair dinheiro no estojo —, por isso, quando os nossos olhares se cruzam, sou apanhada totalmente desprevenida.

Verdes, os olhos dele são verdes. E ele não os desvia de imediato. A forma como fixa o olhar é hipnotizante.

Por isso, em vez de responder «De nada» ou «Não tens de quê» — ou absolutamente nada, como qualquer outro nova-iorquino faria —, deixo escapar: «Gostotantodatuamúsica».

Uma série de palavras pronunciadas sem fôlego como se fosse uma só.

É-me oferecido o mais humilde vislumbre de um sorriso e o meu cérebro zonzo quase entra em curto-circuito. Ele faz aquela coisa habitual de morder o lábio inferior por um segundo, e depois diz:

— Gostas? Bem, és muito simpática. Eu adoro tocar.

Tem um sotaque irlandês cerrado, que me provoca um formiguelo nos dedos.

— Como te chamas?

Passam-se três segundos mortificantes até ele responder com um sorriso surpreendido.

— Calvin. E tu?

Isto é uma conversa. Caramba, estou a ter uma conversa com o desconhecido por quem tenho uma paixoneta há vários meses!

— Holland — replico. — Como a província dos Países Baixos. Todos julgam que é sinónimo de Países Baixos, mas não é.

Ufa!

Esta noite cheguei a duas conclusões acerca do gin: sabe a pinhas e é claramente a poção do diabo.

O Calvin levanta a cabeça para sorrir para mim, afirmando alegremente:

— Holland, uma província e uma académica — diz, antes de acrescentar qualquer coisa entre dentes que eu não entendo. Não consigo perceber se o brilho divertido nos seus olhos se deve ao facto de eu ser uma idiota que o está a entreter ou se há alguém atrás de mim a fazer alguma coisa espantosa.

Tendo em conta que não tenho um encontro amoroso há um milénio (parece-me a mim), também não sei que rumo deverá tomar uma conversa a seguir a isto, por isso saio dali disparada, percorrendo praticamente a correr os seis metros até à plataforma. Quando me detenho, meto a mão na carteira com a urgência experiente de uma mulher habituada a fingir que tem de encontrar de imediato algo de importância vital.

Apercebo-me da palavra que ele sussurrou — *encantador* — com cerca de trinta segundos de atraso.

Estava a referir-se ao meu nome, certamente. Não o afirmo com falsa modéstia. Eu e a Lulu, a minha melhor amiga, concordamos que, objetivamente, somos mulheres medianas em Manhattan — o que significa que somos excelentes assim que saímos de Nova Iorque. Mas o Jack — o Calvin — é cobiçado pelos olhos de todo o tipo de mulheres e homens que passam na estação — desde os meninos ricos caprichosos de Madison Avenue que brincam aos pobrezinhos no metropolitano, aos estudantes andrajosos de Bay Ridge. Na verdade, ele poderia ter uma grande escolha de amantes, caso se desse ao trabalho de levantar o olhar para os nossos rostos.

Para confirmar a minha teoria, uma espreitadela rápida para o meu espelho compacto revela o borrão apalhaçado do rímel por baixo dos meus olhos e uma falta de cor particularmente mórbida na zona inferior do meu rosto. Levanto a mão e tento alisar o emaranhado de madeixas castanhas que, embora habitualmente lisas e sem vida, agora escaparam ao confinamento do meu rabo de cavalo e desafiam a gravidade em torno da minha cabeça.

Encantadora é coisa que, neste preciso momento, não sou.

A música do Calvin faz-se ouvir de novo, enchendo a estação silenciosa de uma forma ecoante e assombrosa que, na verdade, ainda me faz sentir mais embriagada do que eu julgava estar. Porque é que vim aqui hoje? Porque é que falei com ele? Agora tenho de reorganizar tudo isto na minha cabeça, como o facto de ele não se chamar Jack e de os seus olhos terem uma cor definida. Só o saber que ele é irlandês já me deixa suficientemente louca para ter vontade de me sentar ao colo dele.

Bah! As paixonetas são do pior, mas, olhando agora para trás, uma paixoneta à distância parece muito mais fácil do que isto. Eu devia cingir-me a inventar histórias na minha cabeça e a observar de longe, como uma controladora discreta. Mas agora expus-me, e, se ele for tão amigável como os olhos me dizem que é, poderá reparar em mim da próxima vez que lhe deixar cair dinheiro no estojo da guitarra, e eu serei obrigada a interagir delicadamente

ou a fugir no sentido oposto. Posso ser uma pessoa mediana quando estou de boca calada, mas, assim que começo a falar com homens, a Lulu chama-me «A Terra dos Horrores», porque me torno aterradoramente desinteressante. Como é óbvio, ela não está enganada. E agora estou a transpirar dentro do meu casaco de lã cor-de-rosa, tenho a cara a derreter e fui acometida de uma ânsia quase incontrolável de puxar os collants até às axilas, porque estes foram escorregando lentamente por baixo da saia e já começam a parecer-me um modelo justo de calças balão.

Devia mesmo era deixar-me de coisas e puxá-los para a cintura, porque, além do cavalheiro comatoso que está a dormir num banco próximo, só aqui estou eu e o Calvin, e ele já não me está a prestar atenção.

Mas é então que o cavalheiro que estava a dormir se levanta, como um zombie, e dá um passo arrastado na minha direção. As estações de metropolitano são horríveis quando estão assim vazias. São como grutas para os devassos, os assediadores e os exibicionistas. Não é assim tão tarde — nem sequer meia-noite de uma segunda-feira —, mas é evidente que acabei de perder um comboio.

Desvio-me para a esquerda, mais para o fundo da plataforma, e pego no telemóvel para parecer ocupada. Contudo, já devia saber que os homens embriagados e persistentes não se deixam influenciar pela presença diligente de um *iPhone*, e o zombie aproxima-se.

Não sei se é a minúscula pontada de medo que sinto no peito ou uma corrente de ar que atravessa a estação, mas sou atingida pelo cheiro enjoativo e salgado a muco; a putrefação azeda de um refrigerante derramado que repousa há vários meses no fundo de um caixote do lixo.

Ele levanta a mão e aponta:

— Tu tens o meu telefone!

Viro-me para o evitar, dando a volta novamente para as escadas e para junto do Calvin. O meu polegar paira sobre o número de telefone do Robert.

Ele segue-me.

— *Tu!* Anda cá! Tens o meu telefone.

Sem me dar ao trabalho de levantar os olhos, digo o mais calmamente possível:

— Deixe-me em paz.

Primo o número do Robert e encosto o telemóvel à orelha. Toca surdamente, um toque por cada cinco dos meus batimentos cardíacos latejantes.

A música do Calvin encontra-se em crescendo, agora num tom mais agressivo. Será que ele não vê esta pessoa a seguir-me pela estação? Vem-me à cabeça a ideia absurda de que é verdadeiramente extraordinária a forma como ele se abstrai por completo quando está a tocar a sua guitarra.

O homem começa a correr, arrastando os pés cambaleantes na minha direção, e as notas que o Calvin arranca da guitarra tornam-se uma banda sonora para o lunático que me persegue ao longo da plataforma. Os meus collants impedem-me de fugir com alguma velocidade ou graciosidade, mas a corrida pesada dele acelera-se, torna-se mais fluida e confiante.

Pelo telefone, ouço o sonzinho do Robert a atender:

— Olá, meu botão-de-ouro!

— Cum caraças, Robert! Estou na...

O homem estende o braço, com a mão a envolver a manga do meu casaco, e arranca-me bruscamente o telemóvel encostado à orelha.

— Robert!

— Holls? — grita o Robert. — Querida, onde é que estás?

Debato-me, tentando segurar-me, porque tenho a sensação nauseante de que estou a perder o equilíbrio. O pavor provoca-me na pele um calafrio gelado, sóbrio: o homem não está a ajudar-me a manter-me de pé, está a *empurrar-me*.

Ao longe, ouço um grito forte: «Ei!»

O meu telemóvel saltita no chão de betão.

«*Holland?*»

Acontece tudo tão depressa — e imagino que estas coisas aconteçam sempre depressa; se acontecessem devagar, gostaria de pensar que faria alguma coisa, *qualquer coisa* — mas, de um momento para o outro, passo de estar parada sobre a faixa amarela rugosa de perigo para estar a cair para os carris.

Capítulo 2

Nunca tinha estado dentro de uma ambulância, e é quase tão mortificante resmungar acordada em frente de dois profissionais sóbrios como eu imaginava que fosse. Uma paramédica com a testa franzida em permanência olha-me fixamente, com uma expressão séria. Os monitores apitam. Quando olho em volta, a minha cabeça torna-se um foguetão em contagem decrescente para uma qualquer espécie de evento comburente. Tenho o braço dorido — não, não está apenas dorido, está *aos gritos*. Um olhar rápido mostra-me que já se encontra imobilizado num suporte.

Com o ruído distante de um comboio a aproximar-se, lembro-me de ter sido empurrada para os carris.

Alguém me empurrou para os carris do metropolitano!

O meu coração dá início a uma caótica versão de kung-fu no meu peito e o andamento apavorado ecoa nas várias máquinas que me rodeiam. Sento-me direita, lutando contra a onda monumental de náuseas, e crocito:

— Conseguiram apanhá-lo?

— Calma, calma! — Com preocupação nos olhos, a paramédica, que traz um cartão ao peito com o nome ROSSI, insiste docemente para que eu me volte a deitar. — Está tudo bem. — Acena para mim com confiança. — Você está bem.

E depois coloca-me um cartão na mão.

LINHA NACIONAL DE PREVENÇÃO DE SUICÍDIOS

1-800-273-8255

Viro-o ao contrário, perguntando-me o que terá no verso.

*A quem ligar quando um tipo bêbedo
te empurrar para os carris.*

Infelizmente, não é isso que diz.

Olho novamente para ela, sentindo o rosto rubro de indignação.

— Eu não *me atirei*.

A Rossi assente.

— Está tudo bem, menina Bakker. — Interpreta mal a minha expressão confusa e acrescenta: — Sabemos o seu nome por causa da sua mala de mão, que encontrámos na plataforma.

— Ele não levou a minha mala?

Ela cerra os lábios e eu olho em redor, em busca de apoio. Na verdade, estão lá dois paramédicos — o outro é um paramédico com ar desleixado, tipo modelo do calendário «O Paramédico do Mês», que está do lado de fora da ambulância a fazer um qualquer registo diligente. O cartão com o nome que tem ao peito diz GONZALES. Atrás dele está um carro da Polícia estacionado no passeio, e dois agentes conversam amigavelmente junto à porta aberta do condutor. Não consigo deixar de sentir que esta não será a forma mais discreta de intervir numa potencial situação de suicídio: acabei de roncar como um porco, tenho a saia incomodamente repuxada ao nível da anca, o fundilho dos meus collants encontra-se algures a sul do equador, e a minha camisa está desabotoada, para permitir que sejam aplicados os monitores cardíacos adesivos. Uma pessoa com tendências suicidas poderia sentir-se ligeiramente humilhada nesta situação.

Puxando a saia para baixo com toda a graciosidade que me é possível, repito:

— Eu não me atirei.

O Gonzales levanta os olhos da papelada e encosta-se à porta da ambulância.

— Nós encontrámo-la na linha, minha querida.

Cerro os olhos, irritada pelo tom condescendente que ele adota. Isto continua a não fazer sentido.

— Deu-se o caso de andarem dois paramédicos a passear no metro logo após a minha queda na linha?

Ele lança-me um breve sorriso.

— Recebemos um telefonema anónimo. A dizer que estava uma pessoa caída na linha. Não houve referência a ninguém que a tivesse empurrado. Nove em cada dez vezes, trata-se de uma tentativa de suicídio.

Um telefonema anónimo.

O CALVIN.

Apercebo-me de movimento do lado de fora da ambulância, no passeio. Está escuro lá fora, mas é decididamente ele, caramba, e vejo-o assim que ele se levanta. O Calvin olha-me nos olhos, por um brevíssimo instante, mas depois assusta-se e vira bruscamente o rosto para o lado. Sem olhar mais para trás, vira-se para descer a Eighth Avenue.

— Eil! — Aponto para ele. — Espera. Falem com *ele*.

O Gonzales e a Rossi viram-se lentamente.

A Rossi não faz qualquer movimento para se levantar, mas eu estico o meu dedo novamente.

— *Aquele* homem.

— Foi *ele* que a empurrou? — pergunta o Gonzales.

— Não. Creio que foi ele que fez o telefonema.

A Rossi abana a cabeça; o seu retraimento é mais de pena do que de empatia.

— Aquele homem foi ter connosco quando chegámos ao local e disse que não sabia de nada.

— Estava a mentir. — Esforço-me por me sentar mais direita. — Calvin!

Ele não para. E faz pior, acelera o passo, acorrendo-se atrás de um táxi antes de desatar a correr para o outro lado da rua.

— Ele estava lá — digo-lhes, perplexa. *Credo, será que bebi assim tanto?* — Estava eu, o Calvin, que é aquele artista de rua, e um homem bêbedo. O bêbedo queria o meu telemóvel e empurrou-me da plataforma.

O Gonzales inclina a cabeça, fazendo sinal para os agentes policiais.

— Nesse caso, devia apresentar queixa à Polícia.

Não consigo evitar, a indelicadeza é mais forte do que eu.

— *Não me diga?!*

É-me dirigido outro sorriso vacilante; sem dúvida por eu não ter ar de respondona corajosa, com os meus collants descaídos e a camisa às pintinhas cor-de-rosa desabotoada.

— Holland, temos fortes suspeitas de que tem o braço partido. — O Gonzales entra na ambulância e ajusta uma alça no meu suporte de braço. — E pode ter um traumatismo craniano. A nossa prioridade é levá-la para o Hospital de Mount Sinai West. Tem alguém que possa ir lá ter consigo?

— Tenho. — Preciso de ligar ao Robert e ao Jeff, os meus tios. Ergo o olhar para o Gonzales, recordando-me de como, de um momento para o outro, deixei de ter o telemóvel na mão para ser projetada para a linha. — Também encontraram o meu telemóvel?

Ele estremece e olha para a Rossi, que me dirige o seu primeiro sorriso solidário.

— Bem... Espero que saiba o número de cor. — Levanta um saco transparente que contém os pedaços que restam do meu adorado dispositivo.

Depois de me examinarem a cabeça (nenhum traumatismo craniano) e de me terem aplicado gesso no braço direito (fratura do cúbito), apresento queixa à Polícia ainda na cama do hospital. Só quando estou a falar com os dois agentes extremamente intimidantes é que me dou conta de que tinha evitado olhar nos olhos o homem que me estava a agarrar. Não lhe vi bem o rosto, ainda que possa descrever de uma forma bastante precisa o seu cheiro.

Os agentes policiais trocam um olhar antes de o mais alto me perguntar:

— O tipo aproximou-se o suficiente para a agarrar pelo casaco, gritar consigo e empurrá-la para a linha, mas não lhe viu a cara?

Apetece-me gritar, *Parece-me óbvio que nunca estive na pele de uma mulher a fugir de um tipo assustador!*, mas, em vez disso, deixo-os prosseguir. Pela expressão nos seus rostos, consigo deduzir que a minha incapacidade de fazer uma descrição física dissolve a credibilidade da minha versão *Eu-não-me-atirei*, e, no rescaldo dessa ligeira humilhação, concluo que iria parecer ainda mais suspeito se eu soubesse o nome do artista de rua do metropolitano e que, mesmo assim, ele não tivesse ficado por perto para me ajudar. Por isso, nem sequer menciono o nome do Calvin, e eles apontam os meus detalhes genéricos apenas com um vago ar de dedicação à tarefa.

Quando saem, deito-me para trás, fitando o teto cinzento liso. Que noite mais louca. Ergo o meu braço saudável, olhando de soslaio para o relógio.

Madrugada.

Cum caraças, já são quase 3 horas da manhã. Quanto tempo é que eu lá estive?

Para lá do ténue latejar que os analgésicos parecem não conseguir atenuar, continuo a ver o Calvin a levantar-se do lugar onde ficara à espera, no passeio. O facto de ele ainda ali estar quando eu recuperei os sentidos significa alguma coisa, não é verdade? Mas se foi ele a fazer o telefonema anónimo — e eu presumo que deve ter sido ele, porque todos sabemos que o zombie não tinha telemóvel —, porque é que não contou à Polícia que alguém me empurrou? E porquê mentir e dizer-lhes que não era testemunha?

O apressado estalido denunciador de sapatos de sola a caminhar sobre o linóleo vai aumentando num crescendo do corredor, e eu sento-me, sabendo o que se segue.

O Robert surge de repente do outro lado do pano, seguido mais lentamente pelo Jeff.

— Mas que raiooooooo? — O Robert prolonga a última palavra para quase dezassete sílabas e segura o meu rosto com as mãos, inclinando-se para mim, a examinar-me. — Tens noção de como ficámos assustados?

— Desculpem. — Estremeço, sentindo o meu queixo tremer, pela primeira vez. — Arrancaram-me o telemóvel das mãos.

Ver o pânico da minha família faz-me assimilar o choque, por isso começo a tremer violentamente. A emoção cresce como uma maré salgada no meu peito. O Robert inclina-se na minha direção, encostando os lábios à minha bochecha. O Jeff também se aproxima, pousando uma mão suave no meu joelho.

Apesar de não ser meu familiar de sangue, conheço o tio Robert desde sempre; ele conheceu o Jeff, o irmão mais novo da minha mãe, vários anos antes de eu nascer.

O tio Jeff é o calmo; é a sua personalidade do Midwest. É firme, racional e deliberado. Como é fácil de imaginar, trabalha no mundo das finanças. O Robert, pelo contrário, é movimento e som. Nasceu no Gana, mas mudou-se para cá com 18 anos, para frequentar o Curtis Institute of Music, em Filadélfia. O Jeff contou-me que o Robert recebeu dez propostas de emprego, quando concluiu os estudos, mas escolheu o cargo do primeiro-violino mais jovem de sempre da Des Moines Symphony, porque os dois se apaixonaram à primeira vista no fim de semana em que o Robert estava na cidade a fazer entrevistas.

Os meus tios saíram de Des Moines quando eu tinha 16 anos e mudaram-se para Manhattan. Por essa altura, o Robert já tinha sido promovido a maestro da orquestra sinfónica. Mudar-se para os teatros fora da Broadway, ainda que como diretor musical, representou uma grande despromoção para ele, tanto ao nível da remuneração como do prestígio clássico, mas o teatro musical é o que faz bater o coração do Robert, e — talvez o mais importante para ambos — é muito mais fácil para um homem viver um casamento feliz com outro homem em Nova Iorque do que no Iowa. Aqui, eles têm progredido, e, há dois anos, o Robert compôs aquela que

rapidamente se tornaria a produção mais popular da Broadway, o musical *Ele Ficou Possuído*.

Como não queria viver muito tempo longe deles, vim para a Universidade de Columbia, para frequentar o meu mestrado em Escrita Criativa, mas basicamente estagnei. Ser uma bebé licenciada com um mestrado em Nova Iorque faz de mim um peixinho medíocre num enorme cardume de peixes brilhantes. Sem nenhuma ideia para o Grande Romance Americano nem qualquer aptidão para o jornalismo, eu não servia para trabalhar em quase nada.

O Robert, o meu salvador, arranjou-me um emprego no teatro.

A designação oficial do meu cargo é arquivista — uma função estranha para alguém de 25 anos sem qualquer experiência na Broadway — e, uma vez que já temos um milhão de fotografias da produção para o programa, tenho bastante noção de que este emprego foi criado exclusivamente como um favor ao meu tio. Uma ou duas vezes por semana, dou uma volta para tirar fotografias aleatórias dos cenários, dos fatos e das palhaçadas nos bastidores para a agência de comunicação utilizar nas redes sociais. Quatro noites por semana, trabalho ao balcão, a vender t-shirts promocionais do *Ele Ficou Possuído*.

Mas, infelizmente, com apenas um braço saudável, não me consigo imaginar a lidar com o bulício louco do intervalo ou a segurar a minha máquina fotográfica gigante, e isso provoca-me uma pontada adicional de culpa no estômago.

Sou tão inútil.

Retiro uma das almofadas de baixo da minha cabeça e solto uns gritos com a boca encostada a ela.

— O que se passa, meu botão-de-ouro? — O Robert afasta a almofada de mim. — Precisas de mais medicamentos?

— Preciso de mais *objetivos*.

Ele ri-se para tirar importância às minhas palavras, inclinando-se para me dar um beijo na testa. A mão carinhosa do Jeff encaixa-se numa das minhas, numa solidariedade silenciosa. Mas o Jeff — o Jeff doce, sensível e fantástico com números

— descobriu no ano passado o amor pelo barro. Pelo menos ele tem a paixão pela olaria a fazê-lo aguentar o tédio de um dia de trabalho em Wall Street. Eu não tenho nada, a não ser o meu amor pelos livros que outras pessoas escreveram e a expectativa de ver o Calvin tocar guitarra alguns dias por semana na estação da Fiftieth Street. Depois da proeza desta noite, nem sequer sei se vou voltar a sentir o mesmo. Da próxima vez que o vir, estarei menos inclinada a deixar-me arrebatada e mais inclinada a perguntar-lhe porque é que permitiu que me empurrassem para o abismo. Neste caso, para a frente da carruagem do metro.

— Talvez volte para Des Moines enquanto esta fratura sara e dedique algum tempo a pensar no que pretendo fazer realmente com os meus diplomas, porque, no que diz respeito a artes liberais, mais um diploma inútil ou menos um diploma inútil é o mesmo que zero empregos.

Ergo o olhar para os meus tios:

— Ligaram aos meus pais?

O Jeff confirma com um aceno de cabeça.

— Eles perguntaram se era melhor virem até cá.

Rio-me, apesar do meu humor sombrio. Estou certa de que, mesmo sem ter verificado a gravidade dos meus ferimentos, o Jeff lhes disse para não se preocuparem. Os meus pais detestam de tal forma o ruído urbano de Nova Iorque, que, mesmo que eu tivesse ficado partida em duas, seria melhor para todos que eles se deixassem ficar no Iowa. Isso seria seguramente muito menos stressante para mim.

Por fim, o Jeff senta-se no colchão ao lado do meu e levanta os olhos para o Robert.

Já reparei que, antes de fazer uma pergunta difícil, o Jeff passa a língua pelos lábios. Pergunto-me se ele saberá que o faz.

— Então, o que é que aconteceu, Hollsy?

— Estás a perguntar como é que eu fui parar aos carris da linha C?

O Robert lança-me um olhar entendido.

— Sim. E uma vez que tenho a certeza de que o breve aconselhamento para intervenção em casos de suicídio que acabámos de receber na sala de espera foi desnecessário, talvez tu possas dizer-nos como te sentes.

— Fui encurralada por um fulano. Queria tirar-me o telemóvel e, quando me aproximei da linha, ele empurrou-me para os carris.

O Robert fica de queixo caído.

— Era o que estava a acontecer quando me ligaste?

A face do Jeff adquire um tom vermelho brilhante.

— Apresentaste uma...

— Queixa à Polícia? Sim — respondo-lhe. — Mas ele estava de capuz, e tu sabes perfeitamente que cruzar o olhar com malucos apenas os incentiva, por isso, não posso dizer muito mais além de que ele era branco, devia andar na casa dos 30 anos, tinha barba e estava bêbedo.

O Jeff ri-se secamente.

— Como a maioria da população de Brooklyn numa sexta-feira à noite, parece-me.

Volto o meu olhar para o Robert.

— Tinha acabado de passar um comboio, por isso não houve mais testemunhas.

— Nem sequer o Jack? — Os meus dois tios sabem da minha paixoneta do metropolitano.

Abano a cabeça.

— Ele chama-se Calvin. — Respondendo à pergunta que ganha forma nos olhos deles, digo: — Eu bebi uns cocktails e perguntei-lhe.

O Robert sorri para mim.

— Coragem líquida.

— Idiotice líquida.

Ele semicerra os olhos.

— Mas estás a dizer-me que o Calvin não viu nada?

— Foi o que ele disse aos paramédicos, mas eu acho que foi ele quem lhes ligou.

O Robert coloca-me um braço firme em volta dos ombros, ajudando-me a levantar.

— Bem, já te deram alta. — Dá-me um beijo na cabeça e depois pronuncia seis palavras perfeitas: — Esta noite, vens connosco para casa.

Capítulo 3

Tenho a grande sorte de viver sozinha em Manhattan — uma raridade absurda e que se deve em absoluto à generosidade dos meus tios. Ao Robert, pelo emprego, claro está, e ao Jeff, porque ele ganha imenso dinheiro e paga-me uma grande parte da renda. Mas por muito que eu adore viver no meu pequeno apartamento, admito que estou contente por não estar lá esta noite. Voltar de braço partido para a minha reduzida mas encantadora casa só iria recordar-me de que sou um patético monte de ossos privilegiado, inútil e sem telemóvel que se deixou assediar e empurrar de uma plataforma do metropolitano por um bêbedo. Estar em casa do Robert e do Jeff é confortável, e pelo menos aqui consigo desencantar alguma serventia: depois de dormir um pouco, sou a companheira de jogos de tabuleiro que o Jeff gostaria de encontrar no Robert. Sou a absurda companheira de cantoria que o Robert quer sempre ter ao seu lado. E mesmo só com um braço, sou a mestre de culinária que nenhum dos dois alguma vez será.

O Jeff tira a terça-feira de folga para se certificar de que estou bem, e por volta do meio-dia, quando já estamos todos a pé e operacionais, preparo uns ovos Benedict decentes para os três. Mesmo com apenas um braço funcional, consigo um melhor resultado final do que qualquer um deles. O Robert apaixonou-se por este prato a dada altura dos anos 90, e, assim que eu ganhei competências na utilização de uma liquidificadora e de uma frigideira, ele informou-me de que essa teria de ser a minha especialidade, uma vez que leva molho *holandês*.

— Percebeste? Percebeste? — acrescenta ele sempre.

Eu e o Jeff ainda resmungamos sempre que ele diz isso.

A tarde passa enquanto estamos enroscados no enorme sofá, a ver o *Brigadoon* e *Um Americano em Paris*. O Robert disse-me para tirar a noite de folga, e ele também só tem de estar no trabalho às cinco da tarde. Sei que não vou ver o Calvin esta noite, por isso, estou a tentar — sem sucesso — afastá-lo dos meus pensamentos. A lembrança do primeiro vislumbre do seu rosto e da sua voz fica esbatida por um misto de sentimentos: primeiro, a desilusão. Ele era o meu lugar feliz... porque é que me senti impelida a aventurar-me para fora da minha rotina previsível e a dar cabo de tudo ao dirigir-lhe a palavra?

Depois, raiva e confusão. Porque é que ele não disse a verdade aos paramédicos? Porque é que fugiu?

E, por fim, a atração... Continuo a querer mesmo, *mesmo*, enrolar-me com ele.

Na manhã seguinte, com o coração a palpitar, desço as escadas a correr até à estação, com a mala de mão colada à anca enquanto passo pelas pessoas que se deslocam devagar. Ao chegar lá abaixo, paro de repente, sempre pouco preparada para o som do Calvin a arrancar da guitarra peças elaboradas, a um ritmo acelerado. Na maior parte dos dias, dedica-se estritamente à guitarra clássica. Mas, por qualquer motivo, à quarta-feira parece preferir o flamenco, o chamamé e o calypso.

Às 8h45, a multidão condensa-se. Cheira a aço sujo e a água gaseificada derramada, a café e ao pastel que o tipo ao meu lado enfia na boca sem qualquer tipo de constrangimento. Estava à espera de sentir pelo menos alguma turbulência emocional ao regressar ao cenário da minha quase morte, mas, para além do desejo de obter algumas respostas por parte do Calvin, não sinto nada. Já aqui estive tantas vezes, que a banalidade das minhas memórias continua a sobrepor-se ao trauma. Continua a parecer-me... *uh, o artista de rua e blhec, o metropolitano.*

Demoro alguns segundos a recompor-me até o Calvin entrar no meu campo de visão. Normalmente, não sou do género de procurar

confrontos, mas sei que nunca irei parar de pensar no que aconteceu na noite de segunda-feira se não lhe disser pelo menos *qualquer coisa*. Primeiro surgem os pés dele — botas pretas, virolas das calças para fora — depois, o estojo da guitarra e as pernas — um rasgão no joelho das calças de ganga — anca, tronco, peito, pescoço, rosto.

Um turbilhão de emoções entope-me sempre a garganta quando vejo a expressão dele, e como se transfigura quando toca, mesmo no meio do caos da estação. Obrigo-me a refreá-las, em busca da memória de ele *me ter deixado aos gritos como uma louca dentro de uma ambulância*.

Ele olha-me diretamente quando me aproximo. O choque dos olhos nos olhos provoca-me um sobressalto no coração e eu estremeço; a minha indignação justificada abandona-me. Os olhos dele recaem no gesso que cobre o meu braço, regressando depois diretamente às cordas da guitarra. Sob a sombra da sua barba por fazer, consigo entrever um rubor a subir-lhe pelo rosto.

Esta percepção dá-me ânimo. Abro a boca para dizer algo no preciso momento em que um comboio da linha E se imobiliza nos carris com um chiado a uns dez metros de distância e eu sou rapidamente engolida pelo mar de gente que jorra do seu interior. Sem fôlego, olho para trás por entre a multidão e vejo o Calvin guardar a guitarra e correr pelas escadas acima.

Com relutância, adentro mais a estação, aninhada na turba de pessoas que vão e vêm. O facto de ele ter levantado o olhar é digno de nota, não é? Não costuma fazê-lo. Quase parece que estava à espera de que eu aparecesse.

O comboio da linha C também entra na estação e todos damos alguns passos na direção dos carris, cada vez mais próximos uns dos outros, prontos para competir por um bom lugar lá dentro.

E assim começa o meu ritual absolutamente desnecessário.

O Robert está à minha espera, à porta do Teatro Levin-Gladstone. Em bom rigor, talvez seja melhor dizer que ele está à espera do café que lhe levo sempre, de quarta-feira a domingo. Quando lho

passo para a mão, capto um vislumbre do logótipo denunciador do copo, e estou certa de que o Robert também. O Madman Espresso fica a dez quarteirões de distância. Se o Robert se apercebe de que apanho o metropolitano todas as manhãs para ir a uma cafetaria que fica fora do caminho só porque quero ver o Calvin, nem sequer toca no assunto.

Se calhar até devia fazê-lo. Preciso que alguém me chame à razão.

O vento levanta o cachecol vermelho do Robert, que se enrola no sobretudo de lã preto como uma bandeira a adejar no meio da vista de aço cinzento que compõe a Forty-Seventh Street. Sorrio para ele, permitindo-lhe este momento tranquilo de transição.

Nos últimos tempos, o trabalho tem sido um foco de tensão para ele: o musical *Ele Ficou Possuído* tem conhecido um sucesso verdadeiramente insano nos últimos nove meses, com todos os espetáculos esgotados no futuro mais próximo. Mas o nosso ator principal, o Luis Genova, assinou um contrato de apenas dez meses, que vai terminar dentro de um mês. Nessa altura, será o Ramón Martín, uma lenda do cinema, a ocupar o lugar dele, mas com sua fama intensa de Hollywood virá ainda mais pressão sobre o Robert, para se assegurar de que a orquestra eleva o Ramón à estratosfera da Broadway. Se o Robert quer dar um breve passeio na rua e beber o seu café para procrastinar, eu colaboro. Não o vou obrigar a entrar naquele edifício mais cedo do que ele deseje.

Ele bebe um gole, observando-me.

— Dormiste bem esta noite?

— Os analgésicos e a exaustão emocional asseguraram-se de que eu caísse na cama como uma pedra.

O Robert aquiesce com um aceno de cabeça, semicerrando os olhos.

— E como foi a tua manhã?

Ele está a tentar chegar a algum lado. Olho-o de soslaio, desconfiada.

— Foi boa.

— Depois do que aconteceu na segunda-feira à noite, ainda foste vê-lo hoje à estação? — pergunta ele, erguendo o copo.

Ora bolas. Devia ter percebido que ele andava em cima de mim.

Afinal talvez o obrigue a entrar mais cedo. Abro a pesada porta da entrada lateral e faço-lhe olhinhos.

— Não sei a que é que te referes.

O Robert segue-me para as frias zonas sombrias do teatro. Mesmo com o som das pessoas que trabalham nos bastidores e no palco, está tranquilo, quando comparado com o ambiente eléctrico dos espetáculos.

— Tu vais todos os dias ao Madman buscar café para mim.

— Eu gosto do café deles.

— Por muito que eu adore que me tragas cafeína todas as manhãs, tu e eu temos máquinas de café perfeitamente funcionais nos nossos apartamentos. Tu apanhas o metro todas as manhãs para percorreres dez quarteirões ida e volta só para me trazeres um café expresso todo chique. Julgas que não percebo o que andas a fazer?

Resmungo e viro-me em direção às escadas que conduzem aos gabinetes do segundo andar.

— Eu sei. Estou uma lástima.

O Robert segura a porta das escadas, com um ar incrédulo.

— Continuas a gostar dele, mesmo depois de ele ter deixado os paramédicos pensarem que eras uma suicida?

— Em minha defesa, tenho a dizer que fui lá esta manhã na tentativa de o confrontar.

— E?

Resmungo e bebo mais um gole.

— E não lhe disse nada.

— Eu sei muito bem como é ter-se uma paixoneta — diz ele. — Mas achas que o devias incluir de uma forma tão decidida nas tuas rotinas diárias?

Enquanto subimos, dou-lhe uma cotovelada com o meu braço esquerdo saudável.

— Diz aquele que se mudou de Filadélfia para Des Moines por causa de uma atração intensa pelo empregado que lhe serviu uma costeleta de novilho.

— É justo.

— E se não aprovas, então indica-me alguém melhor. — Abro as mãos, olhando em nosso redor. Manhattan, em particular o teatro musical, é o degredo para as mulheres solteiras. O Calvin era um pequeno divertimento, seguro mas divertido. Nunca planeei ser quase assassinada diante dele, muito menos entabular efetivamente conversa com ele.

Ao chegarmos ao cimo da escadaria, o Robert segue-me para o seu gabinete. É uma sala pequenina num corredor com quatro salinhas igualmente diminutas, e está em desarrumação constante, com partituras por todo o lado, além de quadros, fotografias e apontamentos em post-its a cobrirem cada milímetro da parede. Creio que o computador do Robert pertence a uma geração anterior ao que eu levei para a faculdade há seis anos.

Ele pressiona o teclado para ativar o ecrã.

— Bom, já reparei que o Evan, das cordas, está sempre a olhar para ti.

Percorro mentalmente a secção de cordas. Só me recordo do violinista principal, o Seth, e esse não sente atração por mulheres. Mesmo que sentisse, o Robert só me deixaria sair com ele por cima do seu cadáver. Apesar de ele ter um valor inestimável para a produção, o Seth tem tendência a fazer birras e a criar cenas dramáticas com os restantes membros da orquestra. Foi a única pessoa que alguma vez vi deixar o Robert verdadeiramente irritado.

— Qual deles é o Evan?

Enrolando um dedo no cabelo curto, ele responde:

— O de cabelo comprido? Da viola?

Ah, já sei a quem ele se refere. O Evan é sensual, num estilo tipo Tarzan, mas... o resto pode ser *demasiado* selvagem.

— Sim, Bobert — digo, erguendo as mãos. — Mas aquelas unhas da mão com que segura o arco...

— Do que é que estás a falar? — O Robert ri-se.

— Como é que nunca reparaste? Parece que está a arrancar as cordas com um dente de tubarão. — Encolho os ombros. — Ele tem um ar assustadoramente carnívoro. Acho que não seria capaz de ignorar esse pormenor.

— Carnívoro? Na última quarta-feira, devoraste a tua costeleta de borrego. Foi uma selvajaria.

Ele tem razão. Pois devorei.

— Eu cozinho muito bem o borrego, o que é que queres? Da porta surge o resmungo trocista do meu chefe.

— De que *diabo* estão vocês a falar?

Com um sorriso, respondo:

— De borrego.

No mesmo instante em que o tio Robert diz:

— De garras masculinas.

A testa franzina do Brian torna-se radioativa.

Num esforço para reduzir o nepotismo ao mínimo, não me encontro sob as ordens diretas do tio Robert mas sim do encenador, o brilhante mas desprezível Brian, que estou convencida de que tem coleções de coisas estranhas em casa, como se fosse a gruta de um acumulador que guarda todos os números da *National Geographic* ou borboletas presas com alfinetes a tábuas cobertas de pó.

— Um momento de convívio familiar muito fofinho. — O Brian vira-se para se afastar de modo pomposo, gritando por cima do ombro. — Holland! Reunião de bastidores. Agora.

Com um último sorriso pateta lançado ao Robert, sigo o Brian pelas escadas até ao palco e à reunião semanal que nos aguarda.

A reunião de bastidores é composta por vinte pessoas. O Brian supervisiona todos os detalhes — a posição em palco, as deixas, os adereços, os cenários, e certifica-se de que o trabalho do Robert decorre sem problemas — o que significa que ele gosta de reivindicar os louros pela atual febre de culto por causa do *Possuído*. Mas os verdadeiros heróis são os que estão atrás do pano, a responder

às ordens que ele profere com agressividade: as pessoas a quem o Brian se refere simpaticamente como os seus duendes.

Não me interpretem mal — o trabalho do Brian é brutal e ele é muito competente no que faz. A produção decorre sem problemas, os cenários são esplêndidos e alvo de comentários em praticamente todas as críticas arrebatadoras que o espetáculo recebe. Os atores não falham as deixas e a iluminação é absolutamente perfeita. Mas o Brian é também um demónio poderoso com um lado mesquinho furioso. Bem a propósito, nesse preciso momento recebo uma mensagem no meu telemóvel:

Já percebi que estás incapassitada, por isso não sei como tensionas cumprir as tuas funções esta semana.

A incapacidade de o Brian acertar na maneira de escrever certas palavras faz-me comichão no cérebro. E ele está a enviar-me mensagens acerca deste assunto — estando sentado a menos de um metro de mim — não só para evitar o confronto direto (algo em que ele é terrível), mas também para demonstrar claramente à técnica de bastidores que está agora a falar de que não tem o mínimo interesse pelo que ela está a dizer.

Ele pode ser um parvalhão, mas, infelizmente, também tem razão. Se quase nem consigo segurar no telemóvel com a mão direita que espregueia para fora do suporte, não faço ideia de como irei manobrar uma máquina fotográfica. Demoro algum tempo, mas consigo escrever uma resposta com a mão esquerda.

Tirando o balcão, há mais alguma coisa em que possa ser útil nas próximas semanas?

Custa-me ter de premir «Enviar» com um texto tão vulnerável, custa mesmo. Ainda que o meu reduzido salário de arquivista seja composto por dinheiro proveniente de praticamente todos os outros departamentos, o Brian é o que se sente mais incomodado

por ter de lidar comigo regularmente. Eu já sei que este emprego é uma oferta — não preciso dos alegres lembretes dele sempre que interagimos.

Enquanto a técnica de bastidores nos continua a atualizar relativamente ao progresso das pinturas da nova floresta suspensa, o Brian ignora-a e escreve, sorrindo com desprezo para o telemóvel.

Parece que o teu tio precisa muito mais de ajuda do que eu.

Demoro alguns instantes a perceber o que ele escreveu, mas o entendimento da frase é acompanhado por um ensurdecador estrépito de címbalo quase cómico vindo do fosso da orquestra.

Todo o grupo reunido no palco se levanta dos seus lugares e espreita lá para baixo, enquanto o Seth, o já referido violinista principal, se afasta com um empurrão da secção de percussão, de costas para o Robert, e começa a avançar desarvorado pelo corredor central.

Olho de relance para a cadeira do Seth, que deixou ali o violino abandonado. Não consigo evitar olhar fixamente para ele — soube pelo Robert que o violino do Seth custou mais de *40 mil dólares*, e ele deixou-o simplesmente cair na cadeira antes de se ir embora furioso. Da segunda posição, a Linda Stern baixa-se, pegando-lhe com cuidado. Estou certa de que lho devolverá mais tarde; não tenho dúvidas de que o Seth também parte desse pressuposto. Que parvalhão.

Ele está sempre a fazer birras, mas, por algum motivo, a quietude no teatro que se segue à sua explosão parece profunda.

O meu estômago contrai-se.

O Seth tem três «duetos» extensos com o protagonista, e esses segmentos são o cerne da banda sonora. O violino do Seth é mais do que uma parte do conjunto da orquestra; apesar de ele não subir ao palco, é verdadeiramente um dos membros principais do elenco, e até aparece nos nossos principais produtos publicitários,

bem como nos meios de comunicação social. Não podemos apresentar um único espetáculo sem aqueles solos.

O que aconteceu deve ter sido grave, porque a voz calma do Robert ouve-se por todo o teatro:

— Que fique bem claro, Seth. Sabes muito bem o que acontece se te fores embora hoje. O Ramón Martín começa daqui a um mês e tu não irás tocar com ele.

— Vai-te lixar, Bob! — O Seth enfia os braços no casaco e não olha para trás quando remata, aos gritos. — Para mim, chega!

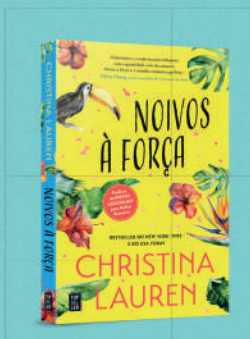
Um casamento a fingir pode despertar sentimentos muito a sério!

São poucos os dias em que Holland não arranja uma desculpa para ir à estação de metro onde Calvin costuma estar a tocar guitarra. Há meses que sente uma paixoneta secreta pelo músico de rua, mas nunca teve coragem para lhe dirigir a palavra. Contudo, um incidente na estação de metro acaba por colocar Calvin no seu caminho, e a partir daí nada voltará a ser igual.

Fascinada pelo talento de Calvin, Holland decide apresentá-lo ao tio Robert, um conceituado diretor artístico da Broadway com um sério problema de elenco para resolver. Depois de uma audição para o espetáculo que tem em cena, Robert convida Calvin para se juntar à companhia. Mas o que parecia ser o sonho de vida de Calvin depressa se transforma na sua maior frustração, pois as circunstâncias em que se encontra a viver nos EUA não lhe permitem aceitar o trabalho.

Holland tem a solução perfeita: um casamento de conveniência que irá permitir ao músico irlandês obter o visto de que necessita e a ela a oportunidade de o ver diariamente sem sair de casa. O problema é que o que começa por ser uma relação de faz de conta acaba por se transformar em algo muito mais real. Estarão eles preparados para isso?

Não perca
também:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-476-6



9 789895 644766

Ficção Romântica